

**A ARTE DE BANKSY E A CRÍTICA
À INDÚSTRIA CULTURAL DO CAPITALISMO TARDIO**

**LA ARTE DE BANKSY Y LA CRÍTICA
A LA INDUSTRIA CULTURAL DEL CAPITALISMO TARDÍO**

**THE ART OF BANKSY AND THE CRITIQUE
OF LATE CAPITALISM'S CULTURE INDUSTRY**

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v16i1.55643>

Diogo Pereira da Silva¹

Resumo: Este artigo explora a arte de Banksy como uma ação de crítica ao realismo capitalista e à indústria cultural hegemônica, a partir de temas como consumismo e desigualdade social. Com base nos conceitos de realismo capitalista, de Mark Fisher, e de indústria cultural, de Theodor Adorno e Max Horkheimer, enfatizamos a importância da arte de Banksy na crítica ao Capitalismo Tardio enquanto ação de resistência artística e promotora de reflexão na contemporaneidade.

Palavras-chave: Banksy. Realismo Capitalista. Capitalismo Tardio. Indústria Cultural. Resistência artística

Resumen: Este artículo explora el arte de Banksy como una acción de crítica al realismo capitalista y a la industria cultural hegemónica, a partir de temas como el consumismo y la desigualdad social. Basándonos en los conceptos de realismo capitalista, de Mark Fisher, y de industria cultural, de Theodor Adorno y Max Horkheimer, enfatizamos la importancia del arte de Banksy en la crítica al Capitalismo Tardío como acción de resistencia artística y promotora de reflexión en la contemporaneidad.

Palabras clave: Banksy. Capitalismo Realista. Capitalismo Tardío. Industria Cultural. Resistencia Artística.

Abstract: This article explores Banksy's art as an action of critique towards capitalist realism and the hegemonic cultural industry, focusing on themes like consumerism and social inequality. Based on the concepts of capitalist realism by Mark Fisher and culture industry by Theodor Adorno and Max Horkheimer, we emphasize the importance of Banksy's art in critiquing Late Capitalism as an artistic form of resistance and a promoter of reflection in contemporary times.

Keywords: Banksy. Capitalist Realism. Late Capitalism. Culture Industry. Artistic Resistance.

Introdução

No ano de 2023, um conjunto de mostras de arte pouco convencional foi organizada para o público brasileiro. Diferente de uma inauguração com um badalado coquetel, em que marchands e público dividem o espaço para cercar o artista, o qual é questionado vez e outra sobre os conceitos de suas obras; temos reproduções de instalações de arte de rua montadas em alguns dos shoppings mais elitizados das

idades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Essa é mais uma das mostras não autorizadas conhecidas como The Art of Banksy: “Without Limits”, que segundo o site do evento:

(...) foi um sucesso em várias cidades mundo afora, como Istambul, Amsterdã, Melbourne, Antuérpia, Berlim, Bucareste, Cluj, Budapeste, Riad, Viena, Varsóvia, Seul, Atlanta, Miami, Charlotte, Seattle, Santiago do Chile, Cidade do México e Bangkok. Mais de 1,3 milhão de pessoas já visitaram a exposição, que é famosa por ganhar uma montagem única em cada local, o que garante uma experiência inédita e inovadora para cada visitante (THE ART OF BANKSY, 2023).

Conforme salienta o curador da exposição no Brasil: “É importante ressaltar que ele [Banksy] não autoriza exposição nenhuma, porque isso vai contra os seus princípios.” (GAMA, 2023). Não obstante, esta série de mostras não autorizadas por esse artista de rua sem rosto, ironicamente carrega a lógica de mercantilização do Capitalismo Tardio ao cobrar ingressos e vender souvenirs a partir da arte de rua crítica e de resistência de Banksy.

A expressão artística, uma manifestação intrínseca à humanidade, interage profundamente com seu contexto social e econômico. A arte de Banksy, exemplar neste diálogo, pode ser compreendida como um ato de resistência contra a cultura do Capitalismo Tardio ou Neoliberal, valendo-se da linguagem da arte de rua para contestar o consumismo, a disparidade social, e a mercantilização das experiências humanas.

A arte de Banksy é repleta de críticas sociais e busca refletir sobre as complexidades do sistema econômico dominante no Ocidente. Este texto visa a analisar como a arte de Banksy se posiciona contra a indústria cultural do Capitalismo Tardio, partindo do conceito de realismo capitalista de Mark Fisher e da teoria crítica de Adorno e Horkheimer; assim, buscamos explorar os significados subjacentes em suas obras, considerando-as como instrumentos de resistência e denúncia.

Por fim, destacando a importância de Banksy nas discussões atuais sobre arte, cultura, sociedade e política, neste artigo sublinhamos a necessidade de examinar a interação entre arte, cultura e capitalismo para entender e compreender a dinâmica cultural do realismo capitalista, contribuindo para um entendimento das dinâmicas entre esses elementos.

A arte de Banksy e o Capitalismo Tardio

No processo de globalização neoliberal, ocorrem diversas formas de integração entre tecnologia, meios de comunicação e cultura em torno da produção econômica e da ampliação dos lucros. Nesse contexto, Fredric Jameson, argumenta que, no Capitalismo Tardio, há uma desdiferenciação entre as esferas da cultura e da economia, representando uma colonização do cultural pelo econômico; assim, emerge uma sociedade na qual a cultura se entrelaça com a economia de maneira peculiar.

Nos últimos anos, tenho argumentado com insistência que tal conjuntura é marcada por uma desdiferenciação de campos, de modo que a economia acabou por coincidir com a cultura, fazendo com que tudo, inclusive a produção de mercadorias e a alta especulação financeira, se tornasse cultural, enquanto que a cultura tornou-se profundamente econômica, igualmente orientada para a produção de mercadorias (JAMESON, 2001, p. 73).

Embora de identidade desconhecida, o artista de rua inglês Banksy é amplamente reconhecido por suas intervenções e sua crítica à cultura do consumo e da padronização. Como destaca Ulrich Blanché (2012, p.263):

As referências temáticas de Banksy são quase exclusivamente de natureza crítica, exercendo críticas ao consumismo, à sociedade e ao sistema - concretamente, ao mercado de arte tradicional e ao capitalismo em geral, especialmente à abordagem frequentemente pouco crítica e inconsciente do espectador em relação à arte (bem como à própria vida refletida na arte), que se torna o alvo de sua crítica, na visão de Banksy.² (Tradução nossa)

Em tal contexto, suas intervenções artísticas, que incluem murais, grafites, trabalhos digitais, telas e instalações urbanas – muitos dos quais pintados com a técnica do estêncil – buscam contrapor-se às normas estabelecidas e provocar a reflexão sobre temas prementes nas sociedades capitalistas contemporâneas, desafiando a premissa de lucro e consumismo como pilares da organização social (DIEHL, 2021, p.11).

Considerando a arte de rua de Banksy como uma ação artística de resistência, percebemos o seu confronto ao realismo capitalista, próprio da cultura do Capitalismo Neoliberal. Este conceito, desenvolvido por Mark Fisher, remete-nos à noção de que o capitalismo seria a única alternativa política e econômica viável, até o ponto de se tornar parte integrante da nossa realidade e do nosso pensamento, baseando-se em uma “frase atribuída a Fredric Jameson e Slavoj Žižek, de que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (FISHER, 2020, p. 10).

Mark Fisher examinou que o Capitalismo Neoliberal se tornou tão onipresente e dominante que a ideia de um sistema alternativo parece inconcebível ou até mesmo absurda. Este realismo capitalista é tanto uma condição quanto um sistema de crenças, apesar das inúmeras injustiças e contradições que o sistema apresenta, há “o sentimento disseminado de que o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, sendo impossível imaginar uma alternativa a ele” (FISHER, 2020, p. 10).

Ulrich Blanché (2016, p. 22) considera que a arte de Banksy, por meio de suas imagens provocativas, questionaria a suposição de que o Capitalismo seja a única maneira de organizar a sociedade, assim oferecendo um olhar crítico sobre a condição humana e os dilemas enfrentados numa sociedade marcada pela ganância. A produção de Banksy poderia, então, ser examinada como uma expressão de resistência artística, que confronta os valores de uma indústria cultural vinculada às estruturas dominantes, questionando a mercantilização e as formas como as grandes corporações influenciam e manipulam as percepções e desejos das pessoas.

Nesta direção, a partir dos conceitos de realismo capitalista de Mark Fisher e indústria cultural de Theodor Adorno e Max Horkheimer, analisaremos como a obra de Banksy é uma ação de crítica ao sistema socioeconômico predominante, questionando a cultura de consumo, ao mesmo tempo, em que reflete o potencial da arte de rua como ferramenta de resistência e transformação social na sociedade contemporânea.

Banksy e a crítica à indústria cultural

A Escola de Frankfurt nos legou importantes discussões acerca de questões culturais nas sociedades capitalistas, como as contribuições de Theodor Adorno e Max Horkheimer em relação à indústria cultural capitalista. Em “A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, a cultura moderna, especialmente a produção e distribuição de arte e entretenimento em massa, é examinada como controlada e manipulada pelas forças da indústria e do Capitalismo.

Os interessados inclinam-se a dar uma explicação tecnológica da indústria cultural. O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. O contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção. Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. De fato, o que o explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa (ADORNO; HORKHEIMER, 2014, p. 100).

A partir das reflexões de Adorno e Horkheimer, o conceito de indústria cultural nos permite considerar como, no sistema Capitalista, a produção e o consumo de bens culturais visam a padronização e a homogeneização da experiência humana para a satisfação de suas necessidades. Os produtos culturais (como filmes, músicas, programas de televisão, revistas, entre outros), são gerados e projetados para atender aos gostos e preferências médios, visando ao maior apelo de consumo possível.

Esta indústria cultural, que se baseia na lógica do lucro e da produção em massa, transformando a cultura em uma mercadoria de consumo, cria uma falsa ilusão de liberdade e diversidade, enquanto na realidade reforça a dominação social e a conformidade com as normas estabelecidas pelo sistema. Assim, promove a passividade e a alienação das massas, oferecendo produtos culturais pré-fabricados e padronizados, que evitam o pensamento crítico e a reflexão individual.

A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Os automóveis, as bombas e o cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia. Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre lógica da obra e do sistema social. (ADORNO. HORKHEIMER, 2014, p. 100).

Adorno e Horkheimer consideravam que a indústria cultural produzia uma cultura de entretenimento superficial e alienante, que mantinha as pessoas em um estado de distração constante, impedindo-as de se envolverem em questões sociais e políticas mais profundas, e na qual as pessoas eram tratadas como meros receptores de mensagens e valores impostos pelo sistema.

Neste sentido, o conceito de indústria cultural descreve um sistema de produção cultural que se baseia na lógica capitalista ao produzir bens culturais padronizados e comercializados, perpetuando a lógica do capitalismo e promovendo um estado de passividade e conformidade, além de alienar o seu público consumidor.

A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los abertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quando no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho. É possível depreender de qualquer filme sonoro, de qualquer emissão de rádio, o impacto que não se poderia atribuir a nenhum deles isoladamente, mas só a todos em conjunto na sociedade. Inevitavelmente, cada

manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo. E todos os seus agentes, do *producer* às associações femininas, velam para que o processo da reprodução simples do espírito não leve à reprodução ampliada. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 105).

Partindo dessa linha, podemos examinar que Banksy, por meio de sua arte, desafia a indústria cultural dominante, criticando as formas padronizadas e comercializadas de produção artística. Além disso, direciona a sua crítica à cultura de massa e ao consumismo, o que se vincula às preocupações sobre a mercantilização da arte e a padronização cultural promovida pela indústria cultural, e à análise proposta por Mark Fisher (2020, p.12), pela qual:

O poder do realismo capitalista deriva, em parte, da maneira pela qual ele resume e consome toda a história anterior. Trata-se de um efeito de seu “sistema de equivalência geral”, capaz de transformar todos os objetos de cultura – quer sejam iconografia religiosa, pornografia ou *O Capital* de Karl Marx – em valor monetário.

As produções artísticas de Banksy podem ser examinadas como atos de questionamento da cultura de massas e de desafio à lógica capitalista que permeia a sociedade contemporânea. Por meio de sua arte de rua provocativa e incisiva, ele expõe as contradições e as injustiças inerentes ao sistema, convidando o público a refletir sobre as estruturas de poder e a buscar alternativas.

Banksy e o realismo capitalista

Uma das formas pelas quais as obras de Banksy critica a cultura de massas é ao desafiar a homogeneização cultural promovida pela indústria cultural, ao criar obras que se destacam na paisagem urbana, muitas vezes subvertendo símbolos e referências culturais estabelecidas. Ao fazer isso, Banksy rompe com a monotonia e a conformidade, estimulando uma reflexão crítica sobre os padrões e estereótipos impostos pela cultura de massas (MOHN, 2020).

Como exemplo, destacamos a intervenção artística – realizada em Londres, no ano de 2011 –, conhecida como “Falling Shopper” ou “Shop till your drop”, no qual um carrinho de compras é representado caindo pelo ar, com uma figura feminina logo atrás, com os braços esticados, tentando segurar as alças, mesmo enquanto despencam em direção ao chão (Figura 1).

Nesta intervenção, Banksy trabalhou com o questionamento da lógica capitalista ao expor os excessos e os vazios do consumismo desenfreado, além da busca incessante por bens materiais como forma de realização e felicidade, o valor superficial atribuído às marcas e a pressão para seguir as tendências impostas pela sociedade de consumo.



Figura 1: Falling Shopper *aka* Shop till your drop, 2011.
Localização: Bruton Lane, Londres, Inglaterra (BULL, 2015, p. 87).

"Shop Till You Drop" foi pintada na lateral de um prédio em Londres, ilustrando uma mulher caindo do céu segurando o seu carrinho de compras. O título da obra, um ditado em inglês que significa "faça compras até cair", é um comentário irônico sobre a cultura do consumo. O ditado é usado para encorajar as pessoas a comprar até ficarem exaustas, mas o artista o subverte, mostrando literalmente uma mulher caindo do alto de um prédio devido ao peso de suas compras.

Banksy usa esta representação para ilustrar a compulsão desenfreada pelo consumo que se tornou comum na sociedade moderna. A mulher parece indiferente a seu fim iminente, uma metáfora para como o consumismo desenfreado pode levar a uma queda, seja ela moral, social ou mesmo físico.

Esta obra é uma crítica contundente ao consumismo prevalecente na sociedade contemporânea. O artista parece questionar como as pessoas estão dispostas a colocar suas vidas em risco, ou a se lançarem em um abismo, apenas para satisfazer sua necessidade insaciável de adquirir bens de consumo.

Ao mesmo tempo, "Shop Till You Drop" sugere que o consumismo é uma queda da qual não podemos escapar facilmente. A mulher parece estar caindo para sempre, presa em um ciclo interminável de compra e queda. Esta ideia de um ciclo vicioso sugere que o consumismo pode ser uma armadilha da qual é difícil sair e com consequências potencialmente destrutivas de uma cultura obcecada pelo consumo.

Igualmente, outras criações artísticas de Banksy são consistentemente direcionadas contra a indústria cultural hegemônica, ao mesmo tempo, em que exploram as contradições do sistema capitalista, como no trabalho digital "Festival", de 2006 (Figura 2).



Figura 2: Festival, 2006.

Disponível em <https://banksyexplained.com/festival-2006/>. Acessado em 15 jul. 2023.

"Festival" é uma composição simples, porém, poderosa que exhibe uma fila de pessoas, algumas no estilo punk, esperando para comprar uma camiseta com os dizeres "Destroy Capitalism". A obra é uma sátira incisiva do capitalismo, destacando o paradoxo de consumir mercadorias que ostentam mensagens anticapitalistas. A contradição de pessoas comprando um produto que promove a destruição do sistema que permite a sua produção e venda é inegável.

A obra é uma crítica explícita ao consumismo e à mercantilização da resistência, própria do realismo capitalista, conforme destaca Mark Fisher (2020, p. 12-13):

Ande pelo Museu Britânico, no qual se podem ver objetos retirados de seu lugar de origem e reunidos como se estivessem dispostos sobre o balcão de uma nave de *O Predador*, e você terá uma imagem poderosa do processo em curso. Na conversão de práticas e rituais em meros objetos estéticos, as crenças das culturas anteriores são objetivamente ironizadas, transformadas em *artefatos*. O realismo capitalista não é, portanto, um tipo particular de realismo, é o realismo em si.

Neste sentido, o sistema capitalista neoliberal permite a apropriação e a comercialização até mesmo da dissidência e da contestação, transformando ideias radicais e protestos em mercadorias consumíveis. Este fenômeno pode levar à diluição e ao esvaziamento de movimentos e ideias contraculturais, à medida que são absorvidos e neutralizados pelo sistema que procuram combater.

Em um olhar menos detido à atuação de Banksy, as contradições destacadas em suas produções acabariam por se manifestar na própria trajetória do artista, uma vez que o artista de rua é um crítico à indústria cultural e ao capitalismo comercializa suas obras, No entanto, essas contradições se resolvem com a estrita separação feita pelo artista entre produtos comercializáveis e obras artísticas, como destaca Hutter (2021, p.10):

Os produtos são réplicas, não traços, das obras originais. Eles são vendidos como impressões em papel, em edições de várias centenas, ou como figuras de polystone, ou ainda como fotografias. A produção muitas vezes é atribuída a um coletivo anônimo intitulado Brandalismo. Banksy chama esses produtos de "souvenirs". Eles auxiliam a mente a relembrar ou imaginar a experiência de ver a obra original durante seu breve período de existência.³ (Tradução nossa)

A crítica de Banksy ao Capitalismo e à mercantilização da arte provém do espírito politicamente comprometido com a arte conceitual, à qual a arte de rua do grafite se compara, como destaca Murcia Serrano (2022, p. 110-111):

Em ambos os casos, grafite e a arte conceitual costuma haver também uma intenção sociopolítica mais ou menos explícita que sustenta o conteúdo ou a mensagem da obra. É comum tornar o próprio sistema ou a Instituição Arte o alvo fundamental dessa crítica, contra a qual os artistas atacam impiedosamente, ao mesmo tempo, em que se beneficiam de seus diversos serviços e vantagens. Em paralelo com o descrédito progressivo das definições normativas da arte, os criadores reinterpretem e criticam profundamente a essência e a definição tradicional da arte.⁴ (Tradução nossa)

Banksy usa a ironia e o humor em suas obras para desafiar a lógica capitalista. Muitas vezes, ele apresenta situações absurdas e paradoxais, nas quais elementos do cotidiano são subvertidos para transmitir uma mensagem crítica. Tal abordagem irônica e satírica expõe as contradições do sistema, colocando em questão as narrativas e os valores que sustentam a lógica da indústria cultural capitalista.

Além disso, a desigualdade social é uma temática recorrente em suas obras, retratando de forma impactante e provocativa as disparidades entre diferentes grupos sociais, como os ricos e os pobres, os privilegiados e os marginalizados. Suas obras muitas vezes mostram figuras anônimas, como pessoas sem-teto, trabalhadores explorados e refugiados, destacando a divisão de oportunidades, recursos e poder que existe na sociedade.

Como exemplo dessa temática, há a pintura em óleo e emulsão sobre tela, denominada "Burger King Kid", do ano de 2006, na qual temos a representação de um menino negro, com o corpo encolhido sob um tecido, descalço, aparentemente empobrecido e com o olhar desolado; à sua frente, há uma tigela vazia, e sobre o menino uma nuvem de moscas o rodeia. O destaque da obra é dado a uma coroa da rede de fast-food Burger King (Figura 3).

A imagem é carregada de contradições e críticas sociais. Primeiramente, há a representação de uma criança, que parece estar em condições de vida precárias, trajando a coroa de uma das marcas mais conhecidas do mundo, serve como um lembrete visual poderoso da penetração do capitalismo global e das corporações multinacionais na vida cotidiana, até mesmo nas comunidades mais vulneráveis. A coroa de papelão, que é um elemento trivial e comum dos restaurantes desta rede de fast-food, torna-se um símbolo da expansão global do capitalismo e da uniformização da cultura, própria da indústria cultural capitalista. Ao mesmo tempo, cria-se um contraste gritante com a aparência descuidada e empobrecida da criança, um contraponto que aponta para as divisões de classe e a desigualdade que o capitalismo frequentemente perpetua.



Figura 3: Burger King Kid, 2006. Serigrafia sobre tela.

Disponível em <https://banksyexplained.com/burger-king-kid-2006/> Acessado em 16 jul. 2023.

Em "Burger King Kid", Banksy usa a figura de uma criança, que normalmente evoca imagens de inocência e esperança, para fornecer uma crítica contundente e incisiva da realidade da desigualdade. A obra nos desafia a refletir sobre as disparidades socioeconômicas e as injustiças que a concentração de renda do capitalismo perpetua. Assim, nesta imagem há uma crítica mordaz à exploração e à negligência aos grupos desfavorecidos economicamente, expondo as profundas fissuras sociais que a cultura de consumo e a desigualdade criam.

Ao explorar a desigualdade social, o consumismo desenfreado e o poder das corporações, Banksy levanta questões importantes sobre os desafios enfrentados pela sociedade contemporânea. Obras como esta servem como um lembrete poderoso de que essas temáticas devem ser enfrentadas e superadas,

e que cada indivíduo tem o potencial de contribuir para a construção de um mundo mais igualitário e consciente.

Outra obra famosa do artista é “Napalm”, composta no ano de 2004. Nesta obra, Banksy retrabalhou a foto que se tornou símbolo dos horrores da Guerra do Vietnã, tirada por Nick Ut após um ataque estadunidense ao vilarejo de Trảng Bàng, em 8 de junho de 1972.

Na foto, temos a pequena Phan Thị Kim Phúc – então com 9 anos – correndo nua e ferida por uma estrada, buscando se salvar após o bombardeio com napalm conduzido pelas Forças Armadas dos Estados Unidos (Figura 4).



Figura 4: Napalm Girl, 1972.

Disponível em <https://apnews.com/article/nick-ut-saddam-hussein-middle-east-aa62a1d616ce2bfa546d0d178bb7f2b0>. Acessado em 17 jul. 2023.

A foto original, também conhecida como “Napalm Girl” (vencedora do Pulitzer de 1973), é uma representação crua e perturbadora da brutalidade da guerra. Banksy, porém, substituiu as figuras que correm atrás de Kim Phúc, na foto original, pelos personagens Mickey Mouse e Ronald McDonald (Figura 5).



Figura 5: Napalm, 2004.

Disponível em <https://banksyexplained.com/napalm-2004/> Acessado em 17 jul. 2023.

A escolha dessas duas figuras icônicas do capitalismo estadunidense não é aleatória. Mickey Mouse, um dos personagens mais conhecidos da Disney, e Ronald McDonald, mascote da gigante do *fast food* McDonald's, são símbolos da cultura de consumo global. Ao colocá-los de mãos dadas com a menina traumatizada, Banksy cria uma ligação visual impactante entre os horrores da guerra e a banalidade do consumo capitalista.

"Napalm" é uma crítica acerba à cultura do Capitalismo, sugerindo que, embora as grandes corporações como Disney e McDonald's possam parecer inocentes e amigáveis, elas fazem parte de um sistema que perpetua a violência e a exploração. A obra também aponta para a cooptação e a comercialização da violência e do sofrimento humanos pelas corporações capitalistas. Igualmente, a obra sugere que o capitalismo e a guerra não são fenômenos separados, mas estão interligados. A presença de Mickey Mouse e Ronald McDonald ao lado da menina de "Napalm Girl" sugere que as corporações não estão apenas explorando o consumidor, mas também são cúmplices dos horrores da guerra.

"Napalm" é uma condenação poderosa do capitalismo e de sua capacidade de se infiltrar em todos os aspectos da vida, até mesmo na representação e na memória da guerra. Concordamos com Grettel Andrade Cambroner (2023, p.153-154), para a qual Banksy confronta o espectador com a realidade perturbadora da violência e da exploração capitalista, desafiando-nos a questionar as estruturas de poder e a violência subjacente à nossa sociedade de consumo.

O poder das grandes corporações se torna um dos alvos da crítica de Banksy, denunciando a influência desproporcional das grandes empresas e instituições financeiras na política, na sociedade e na cultura do capitalismo. Como destaca Cláudia Resem Paixão (2022, p.95):

As imagens de Banksy também representam recorrentemente figuras de crianças, como personagens que simbolizam a inocência. Por vezes, suas críticas também são

direcionadas ao capitalismo comercial e à ascensão das grandes corporações que, muitas vezes, ganham status de instituições nacionais. O desvio simbólico-funcional atinge o público infantojuvenil que, psicologicamente, torna-se dependente das grandes marcas. Além disso, o domínio econômico das corporações também prejudica os pequenos produtores e comerciantes que perdem seu espaço de negócios para as grandes redes de produção e comércio.

Nesta linha, com "Christ With Shopping Bags", o artista aborda de forma irônica e provocadora a relação entre a religião e o consumismo, destacando como símbolos considerados sagrados podem ser apropriados e mercantilizados pela cultura do capitalismo neoliberal (Figura 6).



Figura 6: Christ With Shopping Bags, 2004.

Disponível em <https://banksyexplained.com/christ-with-shopping-bags-2004/> Acessado em 17 jul. 2023.

Na obra "Christ With Shopping Bags", temos a figura icônica de Jesus Cristo crucificado, com uma coroa de espinhos, mas em vez dos tradicionais pregos, carrega sacolas de compras com laços rosas em ambas as mãos, como se estivesse saindo de uma sessão de compras.

Essa obra é uma crítica aberta à cultura de consumo excessivo, representando como os valores comerciais converteram questões rituais e de cunho sagrado em simples artefatos, meros objetos estéticos, suplantando a espiritualidade e a mensagem original do Cristianismo. Tal postura direciona o espectador a questionar as prioridades da sociedade capitalista e a refletir sobre as consequências do consumismo desenfreado que invade e distorce até mesmo as tradições e crenças sagradas para as sociedades ocidentais.

A figura central na religião cristã, ao ser retratada como um consumidor, se torna algo chocante e incita reflexões sobre como o Capitalismo Tardio molda nossas vidas e nosso senso de valor. Ao colocar sacolas de compras nas mãos de um Jesus Cristo crucificado, Banksy parece sugerir que o Capitalismo transformou até mesmo a religião em um produto de consumo. Inclusive, cabe destaque às icônicas orelhas de um Mickey Mouse saindo de uma das sacolas. A imagem de Cristo, um símbolo de sacrifício, perdão e amor ao próximo, é contrastada com a promoção da autossatisfação, do individualismo e da competição, próprias da sociedade Capitalista.

Ao representar Cristo com sacolas de compras, o artista faz uma crítica direta à maneira como a indústria cultural transforma todos os aspectos da vida, incluindo a fé e a espiritualidade, em mercadorias a serem consumidas. Esta visão concorda com o argumento de Adorno e Horkheimer de que a indústria cultural promove a passividade e a conformidade, substituindo a experiência individual e autêntica pela homogeneidade do consumo de massa.

Ao substituir os pregos e a coroa de espinhos por sacolas de compras, há a sugestão de que a cultura de consumo se tornou uma nova forma de crucificação, um fardo pesado que todos nós carregamos. A obra serve como um lembrete perturbador de como o consumismo se infiltrou em todas as facetas de nossa vida, até mesmo nas esferas sagradas e espirituais, sendo uma representação impactante da penetração do Capitalismo na vida contemporânea.

"Christ With Shopping Bags" não é apenas uma crítica ao capitalismo e ao consumismo, mas também uma reflexão sobre como a indústria cultural transforma todas as esferas da vida em mercadorias. Banksy, com sua arte, desafia essa lógica e nos convida a questionar e a resistir à homogeneização da cultura e da experiência humana.

No contexto do consumismo, a obra de Banksy pode ser interpretada como uma condenação do materialismo desenfreado e da busca incessante por satisfação através da posse de bens. Isso reflete a crítica ao que ele vê como a alienação e a desumanização inerentes à cultura de consumo.

Importante destacar que em "Guerra e Spray", após a imagem de "Christ With Shopping Bags", temos a frase: "Não podemos fazer nada para mudar o mundo até a derrocada do capitalismo. Até lá, devemos fazer compras para nos consolar" (BANKSY, 2012, p. 206).

Banksy como um artista multifacetado

A arte de Banksy deve ser reconhecida como complexa e multifacetada, como observaram Ulrich Blanché (2012), Will Ellsworth-Jones (2012) e Murcia Serrano (2022). Embora as suas obras possam gerar conscientização e questionamento do realismo capitalista, da indústria cultural e das instituições da arte, elas não apresentam uma solução definitiva para os problemas sociais.

Retomando à questão geradora desse texto, no caso brasileiro as exposições não autorizadas foram organizadas e realizadas em espaços públicos direcionados a uma elite econômica que após sair da mostra estará exposta às vitrines de marcas de luxo, devolvendo o espectador à realidade de consumo.

Com a sua distintiva arte de rua, Banksy ocupa um lugar significativo no mundo da produção artística contemporânea, uma vez que a sua abordagem é singular, pois usa a arte como uma forma potente de intervenção social e crítica política. Sua arte de rua, efêmera por natureza e sempre em risco de remoção ou cobertura, no entanto, alcança um público muito mais amplo e diversificado do que a arte tradicional confinada a museus e galerias.

Ao mesmo tempo, seus produtos são valorizados, disputados e negociados no mercado de arte convencional, uma manifestação inegável do Capitalismo Tardio que o artista critica. Essa dicotomia pode ser interpretada como uma ironia intencional e como um exemplo das contradições do realismo capitalista, que tende a cooptar e mercantilizar mesmo suas críticas mais contundentes. Como destacou Gustavo Estevão (2016, p.9):

Contradições fazem parte de sua personalidade. Um dos artistas mais famosos do mundo permanece incógnito, e as pessoas que lhe são próximas seguem um rígido código de conduta para manter seu anonimato. Há quem sustente que Banksy seja um coletivo de artistas, e não uma pessoa. Apesar de tecer duras críticas à sociedade de consumo e ao capitalismo, sua arte gera milhões de dólares. Ele criou uma organização que certifica suas obras, a Pest Control (Controle de Pestes), para evitar a apropriação de seu trabalho e coibir falsificações - uma atitude no mínimo discutível, advinda de quem pinta muros e paredes de forma ilegal.

A arte de Banksy é uma ação poderosa de conscientização e resistência. Suas imagens provocantes e seus temas desafiadores têm o potencial de questionar as normas dominantes e destacar questões sociais e políticas urgentes; e, assim, provocar debates, reflexões e mobilização em torno de questões fundamentais, como a desigualdade, o consumismo desenfreado e o domínio corporativo.

Com suas obras, o artista cria um espaço para reflexão crítica, desafiando as normas e estruturas que perpetuam o realismo capitalista, expondo contradições e injustiças do sistema, criticando as manipulações e influências de uma indústria cultural que é um dos pilares central do Capitalismo Tardio, reforçando a lógica do consumo e a passividade política.

Conforme argumentam Victor Marques e Rodrigo Gonsalves (2020, p.184):

De modo geral, a percepção de que vivemos no fim da história nada mais é do que “projeto de classe altamente bem-sucedido”. O próprio realismo capitalista é consequência do sucesso da direita neoliberal em transformar as atitudes da população, em impregnar de “ontologia empresarial” a infraestrutura psíquica coletiva, encurtando assim o horizonte de imaginação política.

Face ao domínio do realismo capitalista, as intervenções artísticas de Banksy podem gerar reações e despertar um senso de urgência para abordar as problemáticas que ele destaca. Ele enfatiza a

importância de questionar o status quo e encoraja os espectadores a repensar suas próprias crenças e a considerar alternativas mais justas e humanas.

Não obstante, Banksy também parece reconhecer a resiliência do sistema que critica. Embora suas obras incentivem a reflexão crítica, ele também reconhece que não há um horizonte imediato de mudanças radicais. Seu trabalho, portanto, reflete a tensão entre a crítica ao Capitalismo e o realismo capitalista. Isso ressalta ainda mais a relevância de suas intervenções, que continuam a provocar, desafiar e inspirar em um mundo eivada cultura do Capitalismo Tardio.

Considerações finais

Neste artigo, exploramos como parte da produção artística de Banksy se apresenta como uma forma de contestação e reflexão à cultura do Capitalismo Tardio, posto que as tais obras confrontam a indústria cultural e criticam a mercantilização das experiências humanas. A partir dos conceitos de realismo capitalista de Mark Fisher e de indústria cultural de Adorno e Horkheimer compreendemos a profundidade e a complexidade das mensagens transmitidas por Banksy, destacando seu papel não apenas como artista, mas também como um incisivo crítico social, cultural e político.

As intervenções artísticas de Banksy, marcadas por subversão e crítica, nos instigam a repensar nossas relações com o consumo, a desigualdade e a própria arte. A capacidade de sua produção artística transcender fronteiras geográficas demonstra seu apelo global, estimulando uma reflexão mais ampla e um questionamento crítico.

Por meio de suas obras, Banksy reafirma a arte como uma ferramenta vital de resistência, provocação e transformação social, evidenciando que a arte de rua, em particular, pode ser um meio eficaz de promover mudanças. Este artigo sublinhou a arte de Banksy não apenas por sua técnica, mas pela sua eficácia em gerar diálogos significativos sobre questões contemporâneas urgentes.

Concluimos, portanto, enfatizando a importância de prosseguir com o estudo das interações entre arte, cultura e sociedade sob a perspectiva do Capitalismo Tardio. Este artigo propôs uma reflexão sobre o papel da arte no fomento ao questionamento. e à mudança, incentivando investigações futuras sobre o impacto e as possibilidades da arte de rua em dialogar contra o discurso político dominante.

Referências:

ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2014, p. 99-138.

ANDRADE CAMBRONERO, Grettel María. La disidencia en la ciudad como toma de posición ideológica: Análisis semiótico de Banksy. **Revistarquis**, San José, v. 12, n. 1, 2023, p. 144-167. Disponível em <https://doi.org/10.15517/ra.v12i1.51563>. Acesso em 18 jul. 2023.

BANKSY. **Guerra e Spray**. Tradução Rogério Dust. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BLANCHÉ, Ulrich. **Banksy**. Urban Art in a Material World. Tradução Ulrich Blanché. Marburg: Tectum Verlag, 2016.

BLANCHÉ, Ulrich. Banksy y Damien Hirst – Estrategias artísticas, frente a la sociedad de consumo. **De Arte**, Léon, n. 11, 2012, p. 263–274. Disponível em: <https://doi.org/10.18002/da.v0i11.1026>. Acesso em: 19 jul. 2023.

BLANCHÉ, Ulrich. **Konsumkunst**. Kultur und Kommerz bei Banksy und Damien Hirst. Bielefeld: Transcript Verlag, 2012

BULL, Martin. **This is not a Photo Opportunity**. The Street Art of Banksy. Oakland, CA: PM Press, 2015.

DIEHL, Carol. **Banksy**. Completed. Cambridge, MA: MIT Press, 2021.

ELLSWORTH-JONES, Will. **Banksy**. The man behind the wall. London: Aurum Press, 2012

ESTEVAO, Gustavo Russo. **A Arte-Spray de Banksy: Grafite e Videografia**. Dissertação (Imagem e Som) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Tradução Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

GAMA, Madson. A arte de rua vai ao shopping de luxo: saiba como será a exposição de Banksy no VillageMall. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 de julho de 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/barra/noticia/2023/07/13/a-arte-de-rua-vai-ao-shopping-de-luxo-saiba-como-sera-a-exposicao-de-banksy-no-villagemall.ghtml>. Acesso em: 13 jul. 2023

HUTTER, Michael. Three views of a saleroom. Valorization in and valuation of visual artworks by (mostly) Watteau, Altman and Banksy. **Journal for Art Market Studies**, Berlin, v. 5, n. 1, 2021, p. 1-15. Disponível em: <https://doi.org/10.23690/jams.v5i1.131>. Acesso em: 15 jul. 2023.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro**. Ensaios sobre a globalização. 2. ed. Tradução Maria Elisa Cevasco e Marcos César de Paula Soares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

MARQUES, Victor. GONSALVES, Rodrigo. Posfácio. Contra o cancelamento do futuro: a atualidade de Mark Fisher na crise do neoliberalismo. In. FISHER, Mark. **Realismo capitalista**. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Tradução Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020, p. 162-207

MOHN, Dominik. **Banksy und die Ingangsetzung von Reflexionsprozessen über den Kunstbetrieb**. Dissertação – Technische Universität Kaiserslautern, Kaiserslautern, 2020.

MURCIA SERRANO, Inmaculada. De obras que se autodestruyen, de aporías estéticas y de intentos variados de despistar. Una interpretación de la obra de Banksy. **Laocoonte**, Valência, n. 9, 2022, pp. 105-122. Disponível em: <https://doi.org/10.7203/laocoonte.0.9.24902>. Acesso em: 17 jul. 2023.

PAIXÃO, Cláudia Resem. **Sistema de mediação social assíncrona para o conhecimento da marca Banksy**. Tese (Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

THE ART OF BANKSY. Disponível em: <https://www.artofbanksy.com/rio>. Acesso em: 13 jul. 2023.

Notas

¹ Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira (PPGH-Universo). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5248383186264996>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4350-0967>. E-mail: profdiogo.psilva@gmail.com.

² “Banksys inhaltliche Bezüge sind fast ausschließlich kritischer Natur, es wird Konsumkritik, Gesellschafts- und Systemkritik geübt - Konkret am traditionellen Kunstmarkt sowie am Kapitalismus generell, woberi insbosondere

der aus Baksys Sicht oft zu unkritische, unbewusste Umgang des Betrachters mit Kunst (jedoch auch mit dem sich in Kunst reflektierendem Leben) Ziel seiner Kritik wird.” (BLANCHÉ, 2012, p.263).

³ “The products are replicas, not traces, of original works. They come as paper prints, in editions of several hundreds, or as polystone figurines, or as photographs. Production is often attributed to an anonymous collective titled Brandalism. Banksy calls these products “souvenirs”. They assist the mind in recalling or imagining the experience of seeing the original work during its brief period of existence.” (HUTTER, 2021, p.10).

⁴ “En ambos casos, graffiti y conceptual art, suele haber además una intención sociopolítica más o menos explícita que vertebra el contenido o el mensaje de la obra. Es ya un lugar común convertir en blanco fundamental de dicha crítica al propio sistema o Institución Arte, contra la que los artistas arremeten sin piedad, mientras se benefician de sus múltiples servicios y ventajas. En paralelo con el descrédito progresivo que experimentan las definiciones normativas del arte, los creadores reinterpretan y critican profundamente la esencia y la definición tradicional del arte.” (MURCIA SERRANO, 2022, p. 110-111).

Recebido em: 1º de ago. 2023

Aprovado em: 21 de mar. 2024